



AS MARCAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE JOVENS CORTADORES(AS) DE CANA

GRACIOLI, Maria Madalena¹
VANNUCHI, Maria Lúcia²

Introdução

Este texto resulta da leitura de gênero de uma pesquisa em andamento, intitulada “Entre o passado e o futuro: trajetórias de vida e projetos de futuro de jovens cortadores(as) de cana da região de Ribeirão Preto – SP”.

O artigo focaliza a interseccionalidade de gênero e juventude - categorias analíticas e relações sociais - e tem como marcos teóricos os estudos sobre a juventude de Pais e Feixa, ancorando-se também em algumas vertentes das teorias de gênero, sobretudo nas elaborações de Scott, Kergoat e Hirata, bem como nas reflexões de Bourdieu acerca do processo de construção das subjetividades. Na medida em que a pesquisa retrata jovens cortadores(as) de cana, não se poderia deixar de abordar a imbricação dos marcadores sexuais e etários, com classes sociais.

A análise dos dados e depoimentos, até então coletados, permite constatar aspectos sexuados das trajetórias de vida e do percurso profissional, das subjetividades, das representações, das expectativas, e dos projetos de futuro dos(as) jovens cortadores(as) de cana pesquisados(as).

Referencial teórico-metodológico

Os estudos sobre a juventude têm suscitado por todo o mundo a atenção e o interesse das diversas esferas da sociedade. Esta temática tem envolvido diversos(as) pensadores(as) que tentam articular uma plataforma de estudo esclarecedora da realidade juvenil.

A categoria jovem corresponde ao segmento social que se insere entre a infância e o mundo adulto. Uma das concepções mais abertas e precisas de jovem foi elaborada por Carles Feixa, que a define como uma construção cultural mediada pelo contexto e pelo momento histórico:

¹ Doutora em Sociologia pela Unesp de Araraquara (SP), coordenadora e professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava – SP. Linha de pesquisa: Juventude, educação e trabalho. Endereço eletrônico: lenagracioli@gmail.com

² Doutora em Sociologia pela Unesp de Araraquara (SP), professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Linha de pesquisa: Gênero e Trabalho. Endereço eletrônico: maluvannuchi@yahoo.com.br



[...] Cada sociedade organiza a transição da infância à vida adulta, ainda que as formas e conteúdos dessa transição sejam enormemente variáveis. [...] Para que exista a juventude, deve existir, por um lado, uma série de condições sociais (isto é, normas, comportamentos e instituições que distingam os jovens de outros grupos de idade) e, por outro, uma série de imagens culturais (isto é, valores, atributos e ritos associados especificamente aos jovens). Tanto um como outro depende da estrutura social em seu conjunto, ou seja, das formas de subsistência, as instituições políticas e as cosmovisões ideológicas que predominam em cada sociedade. (FEIXA, 1999, p.18).

De forma não muito diferente, Pais aponta que “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (1993, p. 29). Portanto, pode-se entender que a noção de infância, juventude e mundo adulto é constructo histórico-social, e varia segundo os diferentes grupos humanos; dessa forma, é fundamental na análise das relações que se estabelecem entre as gerações levar em conta as dimensões espaço-temporais.

Juventude, segundo o paradigma social contemporâneo é uma fase de preparação para se assumir os papéis da vida adulta. De acordo com Casal (1988), tomar a juventude como transição permite incorporar ao discurso da juventude os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. Coloca-se, pois, em evidência que a realidade juvenil é determinada por processos de transição desiguais e essas diferentes trajetórias respondem pelas diversas formas de ser jovem e de planejar o futuro.

As atitudes dos(as) jovens e as suas expectativas em relação ao futuro, podem ser consideradas dimensões privilegiadas para se apreender as referências culturais destes(as). Assim, este estudo dirige seus questionamentos tanto para a realidade do trabalho quanto para as expectativas e os projetos de futuro de jovens cortadores(as) de cana-de-açúcar da sub-região de Ituverava, interior paulista. O trabalho no corte da cana, para esses(as) jovens é uma das poucas alternativas, não raro a única, para, no presente, garantir a sobrevivência, a despeito de seus projetos de futuro irem muito além dos canaviais.

As condições de trabalho dos(as) cortadores(as) de cana, a despeito do desenvolvimento do setor sucroalcooleiro no Brasil, e especificamente no Estado de São Paulo, não conheceram substanciais mudanças: eles(as) continuam cortando, carregando e organizando diariamente toneladas de cana. Mudou apenas a intensidade do seu trabalho, na medida em que os novos modelos de gestão impuseram um ritmo mais acelerado de trabalho. Os atuais modos operatórios mapeiam os movimentos e gestos dos(as) trabalhadores(as), para, inclusive, prescrever a posição ideal de seus corpos para desferirem os golpes de facão, com a finalidade de aumentar a produtividade e a produção. Também não sofreu significativa modificação a forma de pagamento,



por produção que, segundo Alves (2008) leva à sobrecarga de trabalho e ao desgaste da saúde do(a) trabalhador(a).

A tarefa do(a) cortador(a) de cana à primeira vista pode parecer simples: com um facão afiado corta a cana com golpes dados na base da planta, rente ao solo, desprendendo as varas das raízes; em seguida, corta a ponta superior - ponteira - onde estão as folhas verdes, que não têm sacarose e, por isso, não servem às usinas. Por fim, carrega a cana cortada até a linha³ central do eito⁴, onde é colocada em montes, para ser recolhida por tratores, denominados guincheiras, que a depositam em caminhões que a transportarão para as usinas. Mas essas sucessivas tarefas não são simples; ao contrário, além de força física demandam destreza, agilidade, coordenação motora, e muita precisão.

Moraes (1999) observa que são considerados “bons cortadores” de cana principalmente os jovens do sexo masculino, negros e mulatos. A seleção desses(as) jovens trabalhadores(as) é pois, sexuada e racializada, mas tal preferência é naturalizada sob o argumento de estes terem mais força física, necessária para realizar o extenuante trabalho.

Os(as) jovens cortadores(as) de cana selecionados(as) para essa investigação - popularmente denominados(as) bóias-frias - têm rosto definido: são moradores(as) das cidades, com todas as características dos(as) demais jovens urbanos(as), mas, são trabalhadores(as) rurais que, nas roças, realizam um trabalho pesado, precarizado e mal remunerado.

Os dados parciais da presente pesquisa, ainda em andamento, apontam as marcas das relações de gênero presentes no universo de trabalho selecionado, seja nas condições pessoais de vida e nas relações de trabalho, seja nas concepções e subjetividades de cortadores(as) de cana do sexo feminino e masculino.

Este texto situa-se na intersecção das categorias juventude e gênero, uma vez que focaliza comparativamente as condições objetivas de trabalho e os sistemas de percepções de jovens cortadoras, e cortadores de cana.

As teorias de gênero, a despeito da diversidade de abordagens, compartilham a concepção de que o gênero e respectivas identidades, ainda que apresentados como naturais, são constructos. E este é também o grande ponto de encontro entre os(as) teóricos(as) de juventude e de gênero: eles(as) debruçam-se sobre categorias analíticas e relações sociais resultantes de processos culturais, históricos e sociais.

³ Fileiras de cana plantadas paralelamente.

⁴ Agrupamento de linhas de cana; geralmente 5 linhas, podendo ser encontrados também eitos com até 8 linhas.



As diversas vertentes dos estudos de gênero têm como objetivo comum a desnaturalização do social; o propósito de elucidar o incessante processo de construção histórico-social e cultural de mulheres e de homens, consoante contextuais padrões. Scott pontua que as pessoas nascem simplesmente do sexo feminino, do sexo masculino, mas a criação dos paradigmas de mulheres e de homens, passa pela elaboração cultural de tais características, ou seja, “gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. (SCOTT, 1995, p. 75). A autora ressalta o processo de construção das idéias acerca dos papéis, das funções, das posições de mulheres e de homens no bojo de relações de poder, desvelando, assim, as origens sociais das identidades de seres de sexos diferentes.

O gênero torna-se antes, uma maneira de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1995, p. 75).

Sem negar as particularidades biopsíquicas individuais - que significaria resvalar para um essencialismo sociológico - as teorias de gênero revelam o processo de construção das relações de gênero, forma particular de relações sociais marcada pela desigualdade. A categoria conceitual “gênero” traduz, pois, “a organização social da diferença sexual”. (SCOTT, 1998, p. 115). E uma vez que este texto objetiva pontuar aspectos dessa organização social da diferença sexual, especificamente no mercado de trabalho, também muito contribui a abordagem da teoria das relações sociais de sexo, cujas análises enraízam-se no sexo como categoria social, relacional, dentro da estrutura da sociedade de classes.

Articular produção / reprodução significa para mim, trabalhar simultaneamente sobre dois grupos de relações sociais, relações entre os sexos e relações de classes, relações que chamaremos respectivamente *opressão* e *exploração*. (KERGOAT, 1987, p.83).

A pesquisa - resultados:

A pesquisa em andamento, sobre a qual este texto assenta-se, vem sendo realizada na sub-região de Ituverava, que engloba os municípios paulistas de Ituverava, Aramina, Buritizal, Miguelópolis, Igarapava e Guará. A despeito de utilizar alguns dados quantitativos, a pesquisa é, sobretudo, qualitativa.

A seleção de jovens pesquisados(as) foi realizada de forma aleatória e como recursos metodológicos estão sendo utilizados formulários, entrevistas semi-estruturadas e grupos focais.

Este texto baseia-se na análise de um corpus de quinze formulários, oito destes respondidos por jovens cortadoras de cana e sete, por jovens cortadores de cana.



As informações coletadas serão objeto de análise sexualmente comparativa e, por razões éticas de pesquisa, os(as) jovens cortadores(as) de cana terão seu anonimato preservado, e serão, quando necessário, identificados(as) por meio das letras M. e H., iniciais de mulheres e homens, seguidas das iniciais de seus prenomes. Desta feita, as jovens cortadoras de cana serão identificadas pelas letras: MM, MCI, MD, MF, MCI, ME, MJ, ML, e os jovens cortadores de cana, respectivamente, pelas letras HD, HF, HJo, HR, HJr, HA, HG.

Serão trabalhados quatro eixos fundamentais:

- 1- Identificação e vida pessoal.
- 2- Estudo e qualificação.
- 3- Trabalho e trajetória profissional.
- 4- Subjetividades, representações, expectativas e projetos de futuro.

1. Identificação e vida Pessoal

Todas as cortadoras são solteiras, moram com suas famílias, e a maioria delas tem filhos; apenas duas não têm. Sua faixa etária estende-se dos 18 aos 24 anos.

Todos os cortadores são solteiros e a maioria deles, mora sozinho; apenas dois residem com suas famílias. Somente um é pai, e suas idades variam de 19 a 25 anos.

Indistintamente todos(as) afirmaram trabalhar pela necessidade de sobrevivência, porém enquanto os rapazes enfatizam a questão da própria autonomia, as jovens ressaltam a questão da criação de filhos(as), ajuda financeira às famílias, colocando a sempre problemática dupla ou tríplice jornada de trabalho.

O lazer das jovens e dos jovens trabalhadores(as) não apresenta significativa diferença; ambos(as) revelaram participar de eventos e esportes coletivos, que integram e reforçam a trama de relações sociais, bem como o hábito de ouvir músicas e assistir a programas televisivos, no aconchego do lar.

2- Estudo e qualificação

O nível de escolaridade dos(as) jovens trabalhadores(as) é baixo: apenas uma cortadora de cana cursava o Ensino Médio; todos(as) os(as) demais tinham ensino fundamental incompleto, e no momento não estavam estudando, via de regra por falta de recursos, de tempo, ou pela dificuldade em conciliar trabalho e estudos.



Todos os rapazes e a maioria das jovens afirmaram ter abandonado os estudos para trabalhar, porém, duas mulheres revelaram tê-lo abandonado em virtude de gravidez e necessidades domésticas.

Indagados(as) se gostariam de voltar a estudar, apenas um rapaz respondeu negativamente e não justificou a resposta; a afirmativa predominou entre os rapazes, que consideram os estudos, eficaz mecanismo de melhoria de vida. As respostas das jovens trabalhadoras diferem das de seus colegas: quatro delas responderam que não gostariam de voltar a estudar, duas não responderam a questão e apenas duas disseram que gostariam, com vistas ao próprio aprimoramento e a um emprego melhor.

Vale ressaltar que a única cortadora de cana que atualmente estuda, explicitou a razão fundamental para fazê-lo: “Para meu namorado não me menosprezar” (ME.) Ou seja: coloca no olhar do outro a sua validação; necessita da aprovação do namorado para constituir-se.

Bourdieu (1999) enfatiza a presença na mulher de dois corpos: o corpo para si e o corpo-para-o-outro. Este é um ser percebido através de categorias dominantes - masculinas - que a mulher termina por internalizar para assim ser considerada feminina e então, legitimada e, dessa forma, ter algum poder, que não emana de seu ser, mas um poder concedido, delegado como prêmio pela sujeição a valores e padrões socialmente estabelecidos. A representação de seu corpo, antes de ser algo subjetivo é a objetivação conferida pelo olhar e discurso alheios, o feedback reenviado pelos(as) outros(as).

3- Trabalho e trajetória profissional

No trabalho, as jovens cortadoras de cana exercitam uma polivalência muito mais acentuada do que a dos jovens cortadores de cana: enquanto estes majoritariamente ficam apenas no corte de cana, quase todas as trabalhadoras revelaram que além do corte de cana, incumbem-se do plantio da cana, e da limpeza do canavial, na forma de capina do terreno, da aplicação de inseticidas, e extermínio de formigas.

A maioria dos(as) jovens revelou trabalhar no corte de cana por falta de uma alternativa melhor. Nenhum rapaz afirmou gostar de seu trabalho ou ver qualquer vantagem em cortar cana. Todos, sem exceção, explicitaram o desejo de ter outro emprego.

Entre as mulheres a avaliação do trabalho não é consensual; quatro delas, revelaram não gostar de seu trabalho, seja pela exposição excessiva ao sol, seja por ser muito pesado; as outras



afirmaram gostar, duas destas, por nele ter a fonte de seu sustento. A lavradora ME. afirmou: “Gosto (do trabalho) porque me distrai e cura minha depressão”.

A resposta causa impacto e expressa a sexualização também da saúde. Giddens (2005) afirma que as mulheres têm maior expectativa de vida do que os homens, doenças menos ameaçadoras à vida do que estes, e apresentam menor índice de morte por acidente e violência. Mas, em contrapartida são mais suscetíveis a contraírem doenças crônicas, e apresentam um nível muito mais elevado de ansiedade e depressão do que os homens; inegável consequência de uma vida repleta de frustrações, renúncias e sobrecargas, em virtude do acúmulo de papéis, funções, tarefas que desempenham no universo doméstico e no extradoméstico.

Todas as trabalhadoras pesquisadas, sem exceção, gostariam de encontrar outro trabalho, a exemplo de cozinheira, empregada doméstica, assistente social, secretária de escritório, vendedora. Vale observar que todas as atividades profissionais por elas citadas visam à reprodução, no espaço extradoméstico, das funções de servir, limpar, cuidar, ensinar, educar, cotidianamente realizadas no universo doméstico.

Abramo (*apud* BRITO E OLIVEIRA, 1997), com muita pertinência, afirma pairar sobre a trabalhadora a sombra de uma outra mulher, vinculada à vida doméstica, que a limita, cerceia e tolhe seus passos.

Indistintamente todos(as) os(as) jovens trabalhadores(as) que responderam ao formulário consideram importante trabalhar para garantir a própria sobrevivência; no entanto poucos rapazes explicitaram a importância de seus ganhos no sentido de compor o orçamento familiar, enquanto quase todas as jovens revelaram que seus ganhos destinam-se fundamentalmente às despesas domésticas e à manutenção da família, o que atesta a priorização do universo familiar pela mulher.

Consideramos muito significativas três respostas dadas à questão “você acha importante trabalhar?”

Sim, porque o trabalho é a honra da pessoa. (MM).

Sim, porque o homem vive de trabalho. (HJo).

Duas respostas, uma em voz feminina, outra em masculina, explicitaram uma valoração positiva do trabalho que tanto pode significar a visão crítica do trabalho alienado que realizam, contraposta à utopia do trabalho humanizado que gostariam de realizar, quanto pode expressar uma representação resultante da introjeção da ideologia burguesa que faz a apologia do trabalho, travestido de caráter universal, transcendental e a-histórico, e obscurece a alienação de suas configurações reais.



A outra resposta, também digna de registro veio da lavradora MCI: “Enquanto trabalho, não penso no que não presta”; revela o trabalho como válvula de escape de condições insatisfatórias de vida. Segue na mesma direção a resposta da jovem trabalhadora MM, à pergunta “quais as vantagens de o(a) jovem cortar cana?” (questão majoritariamente respondida com um sonoro “nenhuma”): “Não estar na rua à toa fazendo o que não deve”.

Como se só houvesse duas e excludentes alternativas: ou o desemprego e decorrentes ações desviantes, ou um trabalho desgastante que mais parece uma pena que se paga por viver.

Dentre as maiores dificuldades que eles(as) explicitaram hoje encontrar, estão: a falta de confiança da sociedade em jovens trabalhadores(as), e a falta de oportunidades no mercado de trabalho, sobretudo, em se tratando do primeiro emprego. Cai-se, pois, no clássico círculo vicioso: para acesso ao primeiro emprego exige-se a experiência, que se obtém justamente no trabalho. Outro círculo vicioso diz respeito à relação trabalho e estudo: o baixo nível de escolaridade dificulta o acesso a melhores empregos; a qualificação requer estudo, mas é difícil conseguir estudar, trabalhando. Situações que podem ser traduzidas pelo popular adágio “se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come”.

No entanto, sobraram respostas à pergunta acerca das desvantagens de cortar cana, que podem ser resumidas em termos dos aspectos relacionados ao trabalho pesado, no qual se sofre muito e se ganha pouco, e que dificulta ou impossibilita os estudos, e em termos de um trabalho prejudicial à saúde, sobretudo no que tange ao desgaste da coluna, e à exposição excessiva ao sol que traz danos à pele e envelhecimento precoce. E soma-se a tais desvantagens por eles(as) citadas a forma preconceituosa e discriminatória pela qual consideram ser vistos (as) pela sociedade:

Quando chego na cidade suja de terra me olham com nojo. (MF).
[...] com indiferença; ninguém quer casar com quem corta cana. (ME).
[...] com preconceito, com dó. (HD).

Para melhorar as condições de vida e trabalho os(as) jovens sugerem melhores salários, redução da jornada de trabalho, oportunidades de estudo, e até mesmo uma simples cesta básica. Mas é quase consensual o desejo de deixar de cortar cana, de conseguir outro trabalho, menos penoso e mais criativo.

4- Subjetividades, representações, expectativas e projetos de futuro



A resposta dos rapazes à pergunta que visava retratar as representações dos(as) jovens cortadores(as) de cana acerca da própria categoria “jovem”, seguiu na direção do divertir-se, ser ousado, teimoso, alegre e sobretudo, do sentir-se jovem. Houve apenas uma resposta dissonante e, profundamente desconcertante: *Não sei, não tive juventude* (HF). Caso a extensão deste artigo permitisse, mereceria, por sua complexidade, análise mais aprofundada: significaria a sensação do não vivido, de uma vida que queima etapas, de ser o que nunca foi? Ficam muitas indagações.

E quanto à questão: o que seria necessário para se tornarem adultos(as), majoritariamente afirmaram já se considerar adultos(as), embora tenham, de modo geral, afirmado ser boa a relação com adultos(as) no trabalho, acrescentando que deles recebem conselhos e ensinamentos. Ou seja: a fala é contraditória porque inicialmente afirmam-se como adultos(as), e em seguida referem-se a adultos(as) com os(as) quais se relacionam no trabalho, como “eles – adultos”, diferentes do “nós” – jovens.

Alguns(as) jovens referiram-se ao amadurecimento e à constituição de família, como condições para tornarem-se, efetivamente, adultos(as).

Para as jovens lavradoras, ser jovem, além do marcador etário, é ter saúde e disposição. Principalmente para quê? Para trabalhar e cuidar dos(as) filhos(as).

É possível perceber nas diversas respostas uma perspectiva mais individualista dos jovens trabalhadores e entre as jovens trabalhadoras, uma perspectiva mais coletivista e assentada em laços familiares.

E como se delineia aos(às) jovens cortadores(as) de cana, o futuro?

De modo geral são otimistas: nele depositam esperanças, acreditam na possibilidade de melhoria das condições de vida e trabalho - que inclui a perspectiva de constituição / manutenção de família - e consideram que seu trabalho de hoje contribui para a construção de um futuro melhor. Apenas dois rapazes mostraram-se mais pessimistas quanto ao futuro, e consideraram não estar se preparando devidamente para o que virá.

Mas, a maioria revelou temer o futuro, que sabem ser incerto. Os rapazes enfatizaram o medo do desemprego, possibilidade que creditam à própria baixa qualificação. As trabalhadoras comungam esses temores, mas também revelaram a preocupação com a criação de filhos(as), e medo de perigos indefinidos, sem data ou horário para acontecer, a exemplo do adoecimento e da morte.

Dentre os projetos de futuro revelados cabem o sonho da casa própria, de constituir ou manter família e garantir o conforto desta, de estudar visando a melhores empregos e condições de



trabalho, e até mesmo, o sonho da aposentadoria. Sonhos estes que, no limiar de dois mundos, amalgamam atribuições e desejos dos mundos juvenil e adulto.

Considerações Finais.

Os(as) jovens cortadores(as) de cana, ora pesquisados(as), percebem que a sua situação, no presente, restringe o campo das possibilidades futuras: sabem de cor as dificuldades, os problemas e desafios que já enfrentam no presente, e têm consciência das dificuldades para a realização dos seus sonhos e projetos de futuro.

Ainda, acreditam que o futuro lhes reserva melhores condições de vida, e é, sobretudo, para esta finalidade que trabalham, que envidam esforços.

Eles(as) experimentam uma relação contraditória com seu trabalho: de um lado percebem-no como um dos poucos meios, ou talvez o único, capaz de assegurar, no presente, o próprio sustento e de seus familiares; de outro, consideram-no árduo e extremamente desgastante, o que os(as) faz desejar outra atividade profissional.

As condições de trabalho das jovens cortadoras de cana são diferentes das condições de trabalho dos jovens cortadores de cana, haja vista a maior polivalência destas no desempenho de diferentes tarefas nas lavouras de cana, e na articulação das atividades profissionais e familiares, uma vez que a labuta doméstica e a criação de filhos(as) é assumida de forma sexualmente desproporcional. Muito mais pelas cortadoras do que pelos cortadores de cana.

A introdução da categoria gênero, faz-se necessária, pois as condições de trabalho e de emprego, as situações de trabalho, as formas de inserção na atividade de mulheres e homens variam consideravelmente segundo o sexo da mão-de-obra.. (HIRATA, 1998, p.7).

Porém, a despeito dos diferentes marcadores identitários que respondem por especificidades, os(as) jovens cortadores(as) de cana enfrentam o desafio comum de, através de seu trabalho, garantir no presente a própria sobrevivência, e preparar-se para, no futuro, integrar o mundo adulto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco. Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. *INTERFACEHS - Revista de gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente* - v.3, n.2, abr./ago. 2008. Disponível em www.interfacehs.sp.senac.br. Acesso em 10.dez.2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.



BRITO, Jussara, OLIVEIRA, Simone. Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. In: SILVA FILHO, J.F.; JARDIM, Sílvia (org.) *A danação do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Te Corá Ed., 1997.

CASAL, Joaquim. Elementos para un análisis sociológico de la transición a la vida adulta. *Política y sociedad*. Barcelona, n.1, 1988, p. 97-104.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribos*. Barcelona: Ariel, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latinoamericana de estudios del trabajo: Gênero, Tecnologia e Trabalho* ano 4, n. 7, 1998: p.5-27.

KERGOAT, Danièle. Em defesa de uma Sociologia das relações sociais - da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação. In: *O Sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MORAES, Maria Aparecida de. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

SCOTT, Joan Wallace. Entrevista. *Estudos Feministas*. Vol. 6 n.1, 1998. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998, p. 115-124.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 71- 99.